

## Escrever: Possibilidade de Caminhar para si e para o Outro

Ecleide Cunico Furlanetto<sup>1</sup>  
ecleide@terra.com.br

**Resumo:** Este artigo, resultado da releitura de dez cadernos, seis agendas-di3rio e seis boletins, contendo auto-avalia33es de uma aluna, registradas de 1982 a 1993, tem por objetivo tornar vis3veis alguns aspectos da rela33o que se cria com a escrita. Com a colabora33o da autora desses escritos, foram recuperadas algumas experi33ncias, tomando-se por base a escrita outrora realizada pela ent3o adolescente, e a escrita atual, com reflexos em sua vida, agora, como adulta.

**Palavras-chave:** Rela33o com a Escrita. Experi33ncias com a escrita. Escrita Escolar.

### Writing: possibility of looking towards oneself as well as looking towards the other

**Abstract:** This article like a result of reading of ten notebooks, six appointment books and six bulletins, which contain self-evaluations of a student with memories from 1982 to 1993, aims to make visible some aspects of the relationship established by writing. The author of these writings worked with the researcher thus some experiments were recovered, based on written of past made by teenager as well as new writings with repercussions on her life, of adult woman.

**Key-words:** Relationship with writing. Experiences with writing. Writing school.

*"O que o estudo quer,  
a escrita,  
demorar-se na escrita,  
alcan3ar talvez a pr3pria escrita."  
Jorge Larossa*

### Introdu33o

A escrita permeia a vida dos que vivem em sociedade, mas nos tempos de escola ganha especial import3ncia, pois, al3m desse aprendizado, o aluno constr3i sentidos para escrita, que, dela, podem aproxim3-lo ou distanci3-lo. Os textos escritos nessa 3poca, guardados em cadernos, agendas, boletins, ao serem relidos, permitem uma compreens3o mais ampliada de como os sujeitos tecem sua rela33o com a escrita e de como a utilizam para *caminhar para si e caminhar para o outro*.

Com base na releitura de dez cadernos, seis agendas-di3rio e seis boletins, contendo auto-avalia33es de uma aluna, adolescente, escritas durante os anos de 1982 e 1993, per3odo em que cursou o Ensino Fundamental e M3dio, pretende-se tornar vis3veis algumas dimens3es do processo de constru33o da rela33o com a escrita. Renata, a autora desses escritos, participou da releitura do material. Deste modo, pesquisadora e autora transformaram-se em companheiras de investiga33o e, juntas, puderam recuperar experi33ncias, dialogar e estabelecer um ponto de vista comum em rela33o ao sentido da escrita nos tempos de crian3a e o significado que tem atualmente para a mulher adulta.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educa33o – Curr3culo, em 1997, pela Pontif3cia Universidade Cat3lica de S3o Paulo. 3 professora do Programa de Mestrado em Educa33o da Universidade Cidade de S3o Paulo (UNICID).

## O encontro com o material

Escolheu-se uma questão norteadora para auxílio na análise do material: *Qual o sentido que a escrita teve para você, nas diversas etapas de sua vida?* Procurando refletir sobre essa questão, Renata reviu seu material, há muito tempo guardado, agora disposto no chão, folheando cadernos, boletins e agendas. Lembranças, entrelaçadas às emoções, foram brotando.

## Os cadernos

A letra desenhada e acanhada dos cadernos revelou as primeiras escritas. Optou-se por analisar os cadernos de redação, acreditando que por meio da escrita de redações, Renata teria revelado seu mundo infantil. Retomou-se, então, a pergunta: *qual teria sido, para ela, o sentido da escrita nessa etapa de sua vida.*

Em resposta, a autora dos escritos observa que, ao ler, tem a sensação de que a escrita era algo técnico, sem sentido, parece que havia copiado o texto. E acrescenta: "Olhe! Umas histórias do Beto, Ana e Beni, quem são esses?" Mas destaca a impressão de que a escrita estava dissociada de si, não se reconheceu nessas histórias. Pareciam tarefas escolares. Os diálogos eram estereotipados.

Sobre isto, Larrossa (2003, p. 71) lembra:

[...] lê o que escreveu. Suas palavras parecem-lhe alheias, quer dizer, que as entende ou não, que lhe agradam ou não, que está de acordo ou não. Como se não fossem suas. Embora às vezes de ninguém, tão de ninguém que poderiam ser de qualquer um, suas também.

Renata, a autora dos escritos, cursou as duas séries iniciais numa escola considerada tradicional. Muitos cadernos foram preenchidos e todos, cuidadosamente, encapados e organizados.

Para olhos desavisados, a quantidade e a organização dos cadernos poderiam ser consideradas sinais de que essa escola, ao privilegiar os conteúdos, comprometia-se com a aprendizagem de seus alunos. No entanto, uma análise mais detalhada e criteriosa tornava evidente que as tarefas se pautavam na cópia e as questões formuladas, na maioria das vezes, solicitavam que os alunos retirassem informações contidas em textos mimeografados que se encontravam colados nos cadernos. Existe uma diferença entre registrar e escrever, conforme alerta Fernández (1994). Registrar implica submeter-se ao outro, reproduzir e copiar, imitar, enquanto a escrita requer que se mostre a própria palavra, encerra o pensar, reconstrói-se com base na capacidade de desejar e pensar. Manifesta-se, Renata:

*Estou olhando a forma como eles ensinavam a escrever. Não entendo nada de Pedagogia, mas era tão bobo. Colocar figuras mimeografadas e ensinar você a fazer diálogos. Acho que eles não se importavam com o que a gente escrevia, desde que fosse correto, isto é, graficamente correto. Em algumas redações a professora escrevia: 'boas idéias!' Mas que estranho, as idéias não eram minhas, mas dela. As histórias não tinham fim, pareciam relatos sem graça. A professora só aparece para corrigir, não existe diferença entre ela e o corretor do 'word'.*

Algo chamou a atenção de Renata. Ela descobrira as margens do caderno. Era como se fossem um território livre, nas quais a criança podia deixar suas marcas.

Algo me chama a atenção! São os desenhos! Ao lado das redações há pequenos desenhos, umas 'pessoinhas'. Olhe a quantidade de cor que eu colocava. Cada redação tinha desenhos de cores diferentes. Eu queria deixar uma marca pessoal, mas só podia ser nas margens. Para mim, isso tem significado, não os conteúdos estereotipados das histórias.

A autora encontrou as margens nas quais podia se manifestar por meio de desenhos. Atualmente, formada em arquitetura, diz que sua forma de expressão preferida é o desenho. É através dele que se comunica e expõem suas idéias.

### **As Auto-Avaliações**

Renata deixou de lado os cadernos e foi em busca de seus boletins. Eles fazem parte de um momento singular em sua vida. No final da 2ª. série, foi transferida para outra escola. Dessa etapa, restaram os boletins, que, segundo ela, pareciam ter mais valor do que os cadernos, portanto, foram guardados. Neles, bimestralmente, a professora registrava sua avaliação descritiva em relação ao aluno, e os pais, ao invés de assinatura, consignavam suas impressões sobre o processo de desenvolvimento de seus filhos.

O material era guardado com muito carinho, pois ele lhe parecia trazer vivas e intensas recordações. Foi, então, iniciada a análise do boletim da 3ª. série, o primeiro a ser escrito. Ela o leu em voz alta.

Estou adorando a nova escola. Estou bem em todas as matérias. Estou gostando muito de Artes porque eu posso fazer trabalhos muito bonitos. Adoro Português porque sou boa. Adoro Matemática, principalmente a multiplicação. Adoro Estudos Sociais, e a parte que mais gostei foi o Estudo do Meio que fizemos para Embu. Adoro ir para o laboratório na aula de Ciências (RENATA, 1983, grifo nosso).

Ela riu ao constatar quantas vezes repetiu que adorava as disciplinas escolares. O material da escola anterior revelou uma aluna aplicada, comprometida com as tarefas, mas não foi possível encontrá-la, verdadeiramente. Ela só pôde se manifestar por meio de pequenos desenhos feitos nas margens dos cadernos. As auto-avaliações permitiram que ela descobrisse uma nova função para a escrita. Assim, pôde se apropriar de seu processo de aprendizagem e dos sentidos que tinha esse aprendizado.

Acrescentou, Renata:

Parece que as formas de escrever são diferentes nas duas escolas. Eu estava feliz na escola nova e preciso dizer e repetir isso. Eu me lembro da 3ª. série; foi um ano difícil, de muitas adaptações, mas foi muito bom porque a tia Rosaly<sup>2</sup> estava do lado, ajudando muito. Pelo que está escrito, tenho a sensação de liberdade e eu posso dizer o que sinto; tem a ver com o meu jeito de ser. Na outra, tudo era tão certinho, não havia espaço nem para errar. Vejo que a escrita me possibilitou entrar em contato comigo mesma.

A análise feita permite compreender que a escrita pode assumir diferentes sentidos no ambiente escolar e estes refletem concepções distintas de ensinar e

---

<sup>2</sup> Tia Rosaly - Professora da 3ª. série.

aprender. Nessa nova escola de Renata, sopravam outros ares. Ali, o aluno tinha voz, era estimulado a refletir sobre seu processo de aprendizagem e também a entrar em contato com o que os outros pensavam a esse respeito. A menina, espremida nas margens, expande-se e começa a ensaiar a manifestação daquilo que pensa. Inicialmente, só consegue dizer que adora todas as matérias, mas com a leitura dos boletins relativos ao final do Ensino Fundamental, descobre-se que a escrita vai ganhando outras funções.

Olha que divertido. Na 8ª. série, já escrevo de um jeito diferente, mas o que continua me impulsionando a escrever e expressar o que gosto e o que não gosto.

Leu, então, em voz alta:

Para mim esse negócio de nota de atitude é furado. Principalmente em nossa classe, que é bagunceira. Nossas notas baixaram, mas elas não refletem o que sabemos. A bagunça prejudicou nossa classe. Acho também que não se devem proibir as meninas de irem para o recreio do Colegial... por que os meninos podem e a gente não? (RENATA, 1992).

Ao final da leitura, acrescentou:

Aprendi a defender meus direitos. A escrita permite saber o que sinto e penso e a defender meus pontos de vista.

### **As Agendas-Diário**

Referindo-se aos seus diários, Pessanha diz que: "ao escrevê-los, buscava algum epicentro debaixo de minha pele e, por isso, eu tinha os meus diários; eles não eram comparáveis à velhinha que abre suas caixas de memórias, mas à viagem do exilado buscando residência" (PESSANHA, 2000, p. 22).

As agendas-diário não foram escritas para a escola, mas estavam encharcadas dela. Nelas, a escrita, tantas vezes ensaiada, ganha asas e voa liberta das amarras escolares. O folhear das agendas fez a autora voltar ao mundo da adolescência. Parte de sua história de vida foi registrada em seis agendas escritas de 1989 a 1993. As primeiras agendas eram coloridas, desenhadas, continham colagens e códigos para que os segredos não fossem revelados. Elas refletem o início daquela adolescência a explodir numa profusão de cores. Renata diz que escrever possibilitou entrar em contato com tudo isso.

As agendas foram um delírio de emoções. As mais antigas têm muitas colagens, muitas imagens. Escrevia em código, morria de medo que os meninos lessem minha agenda. Tem muito desejo, fantasia, podia falar de coisas que gostaria de viver sem a preocupação de estar sendo ridícula. Tem uma fase que você tem medo de se mostrar. A agenda era um lugar que você tinha coragem de por tudo o que sentia. Elas foram minha primeira análise, melhor auto-análise. Era uma maneira de organizar o meu mundo, naquela época não tinha consciência disso, mas, hoje, revendo minhas agendas, faço essa descoberta. A agenda foi o primeiro espaço de escrita só meu. Podia fazer do jeito que estava com vontade. As cores que usava tinham a ver com o momento. Era um espaço para pensar sobre a vida. A compra de um CD era pensada, elaborada como um grande dilema existencial.

Os registros ultrapassaram o mundo pessoal, ganhando maior dimensão na medida em que explicitavam o mundo da adolescência. Renata parece colecionar recordações e fragmentos de vida adolescente, ocasião em que se sentiu fascinada e assustada, ao mesmo tempo, frente ao mundo que precisava enfrentar, o que comumente ocorre nessa fase de amadurecimento. É o momento em que, passando por inúmeras transformações, a adolescente perde, de certa forma, sua identidade, sentindo-se pressionada a se recolher e reorganizar as percepções a respeito de si e da vida, buscando desenhar um sentido para elas. Nessa etapa da vida muitas adolescentes optam por escrever diários, ensaiam uma escrita recolhida e cifrada que guarda os segredos do mundo feminino que começam a descobrir.

Ao olhar suas agendas, Renata comenta sobre a necessidade de guardar a vida, de explorar desejos e necessidades e de encontrar seu lugar no mundo. Ao lê-las, é possível descobrir como era seu cotidiano, os movimentos realizados para transitar na família e no grupo de amigos. Ela descreve os acontecimentos e as marcas por eles deixadas. As últimas agendas, elaboradas no final do colegial, apresentam uma organização diferente. A escrita adquiriu formato de texto, com diminuição de cores e desenhos. E, observa a autora, nessa época já era possível ter mais clareza a respeito do que estava vivendo. Havia mais tranquilidade para registrar.

Escrever, nessa época, tinha o sentido de apropriação, de condensar o vivido. Uma necessidade de que algo saísse de você por meio da escrita, permanecendo um pouco distante para que você pudesse se apossar dele, mas que continuasse guardado. A escrita permite transitar no tempo, é um jeito de você poder olhar para trás e lembrar-se do que fez e do que foi importante. Dessa forma, você vai descobrindo quem é. Eu me lembro de ficar indo e vindo entre as agendas, entre os meus escritos. Era um jeito de guardar a vida e de ter um pouco de controle sobre ela.

No tempo de escola, sentia-se como se estivesse vivendo a preparação para uma *outra vida*. Era um tempo de espera que antecipava o que seria a vida de verdade. Para essa vida ter valor, tinha que ser descoberta e recriada dia-a-dia. No meio dos escritos, surgiam perguntas existenciais que abriam espaços de pensamento e possibilitavam dar asas à imaginação. Hoje, ela sente que vive, verdadeiramente, a vida, sem a necessidade de escrever para ter esta certeza. Ela prefere falar, tem clareza de quem realmente é, do que quer e de como deseja caminhar.

Olhando o material espalhado, constatou-se que esses escritos continham fragmentos de sua própria história. Revisitá-lo, possibilitou recuperar alguns sentidos que essa escrita havia assumido na vida da autora. Hoje, porém, que sentido tem essa escrita em sua vida? Destaca, pois, Renata:

A minha profissão tem uma expressão diferente, eu me expresso profissionalmente por meio do desenho. Eu lido com a escrita para gerenciar informações. Desenvolvi uma capacidade muito grande de escrever sobre mim mesma, de expressar meus sentimentos. Entretanto, sentia-me insegura ao utilizar a escrita para a comunicação com os outros. No início de minha vida profissional, tinha medo de escrever. Ao olhar meus primeiros cadernos, senti que o início de minha relação com a escrita não foi estimulante, talvez se tivesse aprendido a escrever de outra forma eu me sentisse mais à vontade. A escrita, hoje, tem um valor de comunicação, eu me comunico muito com os clientes e fornecedores via e-mail. Eu preciso fazer circular inúmeras informações para que os projetos possam acontecer.

Renata percebeu, pois, que desenvolvera uma escrita entremeada de emoções e sentimentos, através da qual pode, hoje, se expressar sem censura. Colucci (2002, p. 385), ao retomar Freud, faz referência a uma “escrita que conduz a pena” que brota sob impulsão e é caracterizada pelo jorro e pela potência do novo. Uma escrita não-planejada que vai se mostrando na medida em que se realiza. Há algo para dizer que precisa ser dito. Há algo para informar que precisa se configurar; “trata-se de uma escrita que tem urgência porque ela se impõe como necessária para pronunciar algo”. Os relatos de Renata sobre a maneira de escrever suas agendas exemplificam esse tipo de escrita, mostrando alguém pressionado a escrever, diariamente, durante seis anos.

No entanto, ao assumir uma profissão, Renata foi impelida a escrever de maneira diferente. Diante disso, porém, sentiu-se ameaçada. A escrita experimentada como impulso que conduz, à revelia, devia ceder espaço a outra forma de escrever. Ela faz referência à necessidade de se comunicar e, para que isso seja possível, é importante escrever de modo claro, conciso. Esse aspecto a conscientiza sobre o fato de que o trabalho escolar, ao privilegiar a escrita de textos narrativos e argumentativos, não a preparou devidamente para essa dimensão da comunicação grafada.

Atualmente, as agendas foram substituídas pelo computador pessoal, que assume o papel de guardião dos fragmentos do cotidiano. Diferentes linguagens, mais em consonância com a atualidade, substituem a escrita. Músicas, fotos, imagens e desenhos testemunham, hoje, sua história.

Ao voltar o olhar para esses múltiplos espaços e tempos de escrita, notou-se a existência de uma tensão entre a *escrita para si* e a *escrita para o outro*. A primeira instituição de ensino ao tentar aproximar Renata do mundo do conhecimento, afastou-a de seu próprio mundo, ensinando-a a escrever apenas para a escola. Ao mudar o ambiente escolar, passou a desenvolver uma escrita própria e subjetiva que lhe permitiu uma vivência como adolescente que era, ou seja, a travessia da infância para a idade adulta.

Renata, adulta, parece ter de enfrentar o desafio de transitar em meio aos territórios da escrita objetiva e da escrita subjetiva. Para tanto, é necessário aprender a transitar entre outras polaridades, como: mostrar e guardar; repetir e criar; obrigação e desejo; emoção e razão; prazer e desconforto; e angústia e satisfação que permeiam o ato de escrever.

## Referências

COLUCCI, Vera Lúcia. Impulsão para a escrita: o que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In: BIANCHETTI, L. (Org.); MACHADO, A.M.N. **A bússola do escrever**. Florianópolis/SC: UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

FÉRNANDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, 1994.

LARROSA, Jorge. **Estudar - estudar**. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2003.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Ignorância do sempre**. São Paulo: Ateliê, 2000.

RENATA. **Escritos escolares diversos**. [S.N.], 1992. Manuscritos.

Recebido para publicação em 04-07-09; aceito em 12-07-09